

## DO AGNOSTICISMO AO CATOLICISMO MILITANTE

Antônio Carlos Vilaça

Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) nasceu na Rua Cosme Velho nº 2, no Rio, a 11 de dezembro de 1893, filho de um industrial, Manuel Amoroso Lima, dono da fábrica de tecidos **Cometa**, e de dona Camila Peixoto da Silva Amoroso Lima, portuguesa, vinda do Porto aos cinco anos.

A casa em que nasceu, ele a evocaria no seu mais belo artigo, outubro de 1940, **Intermezzo da Casa Azul**, em "O Jornal", quando soube por um sueto delicado de Majoy, no "Correio da Manhã", que a demoliam. Nela, morou de 1893 a 1900. Mudou-se depois para a casa ao lado, em que viveu a adolescência. Machado de Assis residia umas casas adiante e, ao passar pelo gradil, brincava de pagar bonde com Alceu e suas irmãs. Usava para isso as folhas de ficus... O menino Ceceu foi ao enterro de Machado, em 30 de setembro de 1908.

Para o batizado de Alceu, a 27 de janeiro de 1894, na matriz da Glória, Machado fez umas quadrinhas, para que Abigail, a irmã de Alceu, as recitasse. E as enviou ao padrinho, que era muito seu amigo: "Marinhas, aí vão cinco quadrinhas, para que a flor das sobrinhas recite. Adeus. Sé feliz. O teu Machado de Assis". O padrinho era Antônio Martins Marinhas, que também era amigo de Rui Barbosa, a quem arranjou dinheiro para que comprasse a casa de São Clemente, como está no discurso de resposta a César Zama, no Senado, em outubro de 1896. Rui e Afonso Arinos freqüentavam a casa do Cosme Velho. Nos joelhos de Afonso Arinos, Alceu ouviu as primeiras histórias do sertão. Aos seis anos, foi à Europa com a família. Viu Paris e Londres. Na volta, foram a Araguari, que era a porta do sertão. E visitaram D. Veridiana Prado, em São Paulo, que perdera pouco antes Eduardo Prado.

Estudou no Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional, de 1903 a 1908. Foi aluno medíocre. Não gostava do colégio. Considerou o ensino bolorento, rotineiro. Aprendera as primeiras letras em casa, com o grande pedagogo João Kopke, um precursor da escola nova. Foi aluno de literatura de Coelho Neto, em 1908. O seu professor de português foi Fausto Barreto.

Aprendeu música com o maestro Alberto Nepomuceno, que lhe ensinou um pouco de piano. Aos quatorze anos, leu Shakespeare. Em 1909, voltou à Europa, com a família. Foi até Berlim e Viena. E voltaria em 1912 e em 1913.

Entrou para a Faculdade de Direito da Praça Quinze em 1909. Foi ali colega e amigo de Ronald de Carvalho. Formou-se em 1913, mas nem esperou a festa de formatura. Partiu antes para a Europa. Colou grau no gabinete do diretor, o conde Afonso Celso. Foram seus mestres Afonso Celso, Souza Bandeira, Inglês de Souza, Sílvio Romero, Rodrigo Otávio.

O paraninfo da turma seria Sílvio Romero, que morreu em junho de 1914 e era um professor muito querido e popular. O orador chamava-se Leônidas de Rezende. De todos os seus professores, o que mais impressionou o jovem Alceu foi Sílvio Romero, pelo caráter espontâneo da sua pedagogia. Sabia integrar o direito na cultura, na sociologia, na filosofia. Falava de uma cultura brasileira.

Em Paris, 1913, Alceu ligou-se muito a Graça Aranha, de cujo filho, Temístocles, era amigo. Graça o aconselhou a voltar para o Rio, fundar um Clube Goethe e renovar a literatura, que era entre nós apenas repetição, marasmo.

Seguiu em Paris o curso de Bergson, no Collège de France, que dava então a teoria da alma em Spinoza. E morou no Hotel Magestic, que seria o quartel-general da Gestapo, em 1940, e o cenário das negociações de paz com o Vietnã. Lá, morava o general Diaz, ex-presidente do México, com quem Alceu conversou.

Seus companheiros de mocidade foram Rodrigo Otávio Filho, Henrique de Toledo Dodsworth, Gustavo Silva Ramos, Paulo Inglês de Souza, Ronald de Carvalho, Temístocles Graça Aranha, Eduardo Álvares de Azevedo Macedo, Eddy...

Alceu foi um grande nadador e um grande jogador de tênis. Fez a nado o percurso Urca até Botafogo. Os veraneios da alta burguesia eram em Petrópolis. Lá, conheceu uma jovem de dezessete anos, Maria Teresa de Faria, irmã de Otávio de Faria, com quem se casou a 27 de agosto de 1918, aos vinte cinco anos quase. O casamento foi em Petrópolis. Ceceu trabalhava no escritório de advocacia do acadêmico Souza Bandeira, onde estagiou por cinco anos, e foi depois para o Itamarati, como adido. Trabalhou primeiro no arquivo e em seguida no gabinete do ministro Nilo Peçanha. Deixou o Itamarati para casar-se. Foi trabalhar com o pai, na fábrica de tecidos Cometa, de que se tornou presidente em 1923, com a morte do pai.

Com D. Maria Teresa, teve sete filhos, entre 1919 e 1938: Maria Helena, que se casaria com o médico Néelson Senise; Sílvia, casada

com o engenheiro e empresário campineiro Afrânio Afonso Ferreira; Lia, que se tornou monja beneditina em São Paulo e recebeu o nome de Irmã Maria Teresa; Jorge, engenheiro, residente em Campinas; Alceu, engenheiro, residente na Bahia; Paulo, professor de inglês; Luís, que Alceu considerava uma vocação artística informulada.

De 1923 a 1939, dirigiu a fábrica **Cometa**. Vendeu-a no limiar da II Guerra, quando sua mãe morreu.

Em 1919, iniciou a crítica literária, aos vinte cinco anos. Seu primeiro artigo saiu no primeiro número de "O Jornal", domingo 17 de junho de 1919, "Bibliografia", assinado Tristão de Athayde. Por que Tristão de Athayde ?

Porque não desejava confundir a atividade literária com a atividade de industrial. Queria separá-las. E assinara pouco antes um soneto como Vasco de Athayde. Temeroso de que o poeta compromettesse o crítico, trocou o Vasco por Tristão. Talvez uma reminiscência wagneriana... Pois Wagner foi sempre o seu músico preferido... Depois, descobriria que Tristão de Athayde existira realmente. Foi um pirata muito turbulento e aparece nas *Décadas*, de João de Barros.

"Criaram-se os programas para o prazer de os mal cumprir", assim começava o primeiro artigo, escrito em Petrópolis. Trocou o nome de "Bibliografia" por "Vida Literária". E manteve a colaboração semanal até 1946, com o intervalo posterior à sua conversão, quando deixou a crítica literária por um tempo. Lançou então Agripino Grieco.

De junho de 1947 a julho de 1966, manteve no "Diário de Notícias" a coluna "Letras e Problemas Universais", aos domingos. E, desde abril de 1958, colaborou no "Jornal do Brasil". Teve também uma coluna mensal em "La Prensa", de Buenos Aires.

No primeiro artigo crítico, aparecia a frase latina "Nulla dies sine linea", a que foi inteiramente fiel. O seu segundo artigo crítico foi sobre Lima Barreto, o romance **Gonzaga de Sá**. Logo depois criticava o **Carnaval**, de Manuel Bandeira.

Já publicara artigos esparsos, como no "Jornal do Comércio", sobre Afonso Arinos, quando da morte do grande regionalista, em 1916. E um artigo **Pelo Passado Nacional**, na "Revista do Brasil", setembro de 1916, sobre as cidades históricas de Minas, que visitara em companhia de seu amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade. Na "Revista do Brasil", publicou também um artigo em 1917 sobre Souza Bandeira, que acabara de morrer. Esses artigos eram assinados Amoroso Lima, antes do nascimento do pseudônimo de Tristão de Athayde. A partir de 1919, sagrou-se como o primeiro de nossos críticos vivos.

Não tinha espírito de *coterie*. Era capaz de elogiar um adversário e criticar severamente um amigo, como no caso de Graça Aranha com sua *Viagem Maravilhosa*, de que não gostou. Era uma crítica imparcial, serena, culta, mais temática. Assistemática. Porque o novo crítico era um antiprogramático. Um amador. E essa vocação amadorística, ele a quis conservar pela vida afora.

Sempre defendeu o caráter amadorístico da sua atividade crítica. Jamais foi um profissional do que quer que fosse. Amava o amadorismo. Foi um industrial amador. Foi um crítico amador. Foi um professor universitário de literatura brasileira amador. Repelia e até detestava a profissionalização. Teve pelo menos cinco paixões: a Igreja de Roma, dona Maria Teresa, com quem viveu durante 63 anos, a leitura, a laranja e as rosas.

Em 1928 houve o fato decisivo na vida de Alceu Amoroso Lima: a sua conversão ao catolicismo. Apresentado a Jackson de Figueiredo por Afrânio Peixoto, que era marido de sua cunhada D. Chiquita, manteve uma assídua correspondência com Jackson entre 1924 e 1928. Começara pela discussão das relações entre liberdade e autoridade. E foram passando para o debate do problema religioso.

A 15 de agosto de 1928, Alceu se converte. Recebe a Eucaristia das mãos do padre Leonel Franca, na igreja de Santo Inácio. Jackson e Leonel Franca proximamente e Maritain, Chesterton e Fulton Sheen remotamente, foram as influências mais profundas, no longo processo da sua conversão religiosa do agnosticismo céptico para o catolicismo militante.

De Maritain, lera sobretudo *Les Trois Réformateurs* e *Primauté du Spirituel*. De Fulton Sheen, *God and Intelligence*, a tese de metafísica por Louvain, prefaciada por Chesterton, em 1925. Lera de Bernanos *Sous le Soleil de Satan*, o romance patético de 1926, contra Anatole France. Alceu fora marcado por três grandes cépticos, três mestres do estilo literário — Anatole, Eça e Machado. Os ídolos da sua mocidade estudiosa. A que se seguiu Marcel Proust, ao lado de Mallarmé. Debussy foi também uma das paixões da juventude intensamente estética de Alceu. Mas os dois grandes estilos que o marcaram foram Anatole e Proust.

A conversão ao catolicismo em 1928 mudou-lhe a vida. Jackson morreu em 4 de dezembro de 1928, aos 37 anos, numa pescaria. Alceu tornou-se o sucessor de Jackson, na liderança do movimento intelectual católico, isto é, o Centro Dom Vital e a revista de cultura *A Ordem*. Ambos fundados por Jackson no início da década de 20.

Em 1929, aparece a carta de Alceu a Sérgio Buarque de Holanda, o famoso “Adeus à Disponibilidade”, que era a superação do agnos-

ticismo e do cepticismo anatoliano pela adesão ao cristianismo integral. Em carta a Otávio Tarquínio de Sousa, da mesma época, publicada como posfácio à tradução do **Rubaiá**, Alceu expunha as razões da sua conversão. Era o adeus à evanescência.

Herdeiro e continuador de Jackson, esteve na presidência do Centro Dom Vital e da revista **A Ordem** por 40 anos, até 1968. Foi o grande líder da renovação católica no Brasil. Três movimentos lhe mereceram a dedicação entusiasmada: o movimento litúrgico, a renovação tomista, a Ação Católica. Oração, inteligência, ação. Foi o presidente da Ação Católica Brasileira de 1935 a 1945, isto é, desde a fundação pelo cardeal Leme.

Foi o primeiro secretário-geral da LEC, em 1933, de que era presidente Pandiá Calógeras, convertido ao catolicismo pelo padre Madureira. Durante a década de 30, Alceu Amoroso Lima foi o líder social do catolicismo no Brasil, o responsável pelo **renouveau** católico. A identidade profunda entre ele e o cardeal Leme facilitava maravilhosamente a colaboração cotidiana entre eles.

Foi o assessor intelectual, o **ghost writer** do cardeal Leme, que era o líder exclusivo da Igreja no Brasil. Encontravam-se diariamente no Palácio São Joaquim. O livro de Alceu, **O Cardeal Leme**, de 1943, logo depois da morte do cardeal, a 17 de junho de 1942, dá bem idéia do que foi no destino de Alceu um homem como o paulista dom Sebastião Leme da Silveira Cintra.

Alceu desejava que viesse para a Sé do Rio o mineiro de Araxá e arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, tão identificado à Ação Católica. Mas Roma nomeou D. Jaime de Barros Câmara, catarinense, arcebispo de Belém do Pará, homem de tendência autoritária.

A grande fase da Ação Católica terminava em 1942, com a morte prematura do cardeal Leme. D. Jaime Câmara e Alceu jamais se entenderam. Alceu deixou a presidência da Ação Católica. E afastou-se, assim, do apostolado oficial. E foi-se tornando, cada vez mais, o que ele próprio chamava um navegador solitário.

Em 1937, fora a Buenos Aires, Montevidéu e Santiago para conferências, do que resultou o seu livro **Idade, Sexo e Tempo**, 1938, o livro dele que mais se vendeu, 14 edições. Ligou-se muito a um jovem de Santiago, Eduardo Frei. E entre os ouvintes das suas conferências estava um auditor de nunciatura, o futuro núncio no Rio, D. Armando Lombardi, que morreu em Santa Teresa, maio de 1964.

Voltaria a Buenos Aires e Montevidéu em 1947 e 1949 para a fundação do movimento democrata-cristão na América Latina, com Eduardo Frei, Dardo Regules, Rafael Caldera, Manuel Ordoñez. O movi-

mento inspirava-se nas idéias de Jacques Maritain e seu humanismo integral. Era um movimento de nítida superação teórica das antinomias direita/esquerda, fascismo/comunismo. E uma afirmação serena de humanismo cristão, na linha da renovação do catolicismo. Recusa dos totalitarismos de direita e de esquerda.

Em 1938 e 1945, Alceu conversou muito no Rio com Georges Bernanos, refugiado no Brasil. Foi Bernanos quem acabou de afastá-lo completamente de qualquer sedução pela direita. Também a leitura de um artigo de Congar, *Dieu est-il à droite ?* foi decisiva nessa fase (1935).

Bernanos e Maritain aproximaram Alceu de uma visão nova do catolicismo nas suas implicações sociais. Deu-se a ruptura com o franquismo. O livro de Bernanos, *Os Grandes Cemitérios sob a Lua*, ecoou profundamente em Alceu.

O ensaio de Maritain, de 1943, *Cristianismo e Democracia*, traduzido por Alceu, foi a passagem de Alceu para uma posição moderada de centro-direita para uma posição de democratismo social. A influência do Padre Leuret, posterior a 1947, o aproximou ainda mais de uma flexível abertura em face dos valores sociais. O humanismo econômico de Leuret foi apresentado ao Brasil por Alceu, no velho casarão da Praça Quinze, em que por vinte anos funcionou o Centro Dom Vital, de 1932 a 1952. Alceu abria-se diante das exigências cristãs de nova ordem social. Leuret, Mounier, Teilhard completaram o quadro da sua própria renovação nas décadas de 40 e 50, depois das tensões da guerra. Em certo sentido, Alceu voltava às suas posições de leitor apaixonado de Barbusse, com *Le Feu*, Clarté.

Se Croce foi o seu grande mestre no plano da estética, e era um hegeliano, Barbusse foi o grande autor socialista da sua mocidade. Alceu como que se reencontrava consigo mesmo. Dizia adeus à direita jacksoniana, que tanto o impressionara, e se engajava numa luta social, que era no fundo um neoliberalismo.

Nunca fora integralista. Recusara a aprovação da Ação Integralista Brasileira pela Igreja, solicitada por Plínio. E jamais se filiara ao integralismo. Escreveu mesmo todo um capítulo, "Catolicismo e Integralismo", no livro *Indicações Políticas, da Revolução à Constituição*, de 1936, em que fazia sérias restrições ao hegelianismo latente do integralismo.

Em 1931, fizera no Teatro Municipal de São Paulo memoráveis conferências sobre o problema da burguesia, reunidas em livro. Lançava um desafio à burguesia paulista — a santidade, ou seja, o catolicismo integral. Dizia aos burgueses: só a santidade pode salvar o mundo. No Rio, em 1931, fez no Museu Nacional de Belas Artes uma série de conferências sobre sociologia, a que assistiram homens como Oswaldo Aranha, ministro da Justiça de Vargas, e Gilberto Amado, que delas nos fala em longo artigo de "O Jornal" sobre a renovação católica.

Durante o Congresso Eucarístico de São Paulo, setembro de 1942, fez Alceu notáveis discursos e conferências, reunidas no livro **Pela União Nacional**.

Por volta de 1943, já nos dera os seus grandes livros de ensaísta ou de crítico de idéias: **O Espírito e o Mundo**, de 1936, **Meditação sobre o Mundo Moderno**, de 1942, com o belo estudo sobre Mauriac, **Mitos de nosso Tempo**, a que incorporou a sua célebre conferência de 1938 sobre Nacionalismo e Patriotismo.

Aquele que começara como crítico literário com o ensaio de 1922 sobre a obra de Afonso Arinos, seu livro de estréia, pouco a pouco se foi transformando num crítico de idéias, num mestre católico, num pensador e líder social.

Há um livro fundamental na obra de Alceu, **Voz de Minas**, de 1945, que é a sua passagem nítida do abstrato ao concreto, do geral ao particular, do universal ao local, como lhe pedira Afonso Arinos, o sobrinho, em artigo de 1943, "Fruto de Outubro". Alceu se voltava mais e mais para o Brasil, para a realidade concreta, na linha do seu ensaio magistral de 1924, "Política e Letras", uma obra-prima de lucidez e crítica, que se incorporou ao livro coletivo **À Margem da História da República**, há pouco reeditado.

Em 1947, fez concurso para a cátedra de Literatura Brasileira da Universidade do Brasil, que ocupava interinamente desde 1940. Foi aprovado e consagrado com a nota máxima por uma banca de que faziam parte Pedro Calmon e Afonso Arinos. Recebeu-o em nome da congregação o físico católico Joaquim da Costa Ribeiro. Fora reitor da Universidade do Distrito Federal, em 1938. E professor de Sociologia da mesma Universidade. Fundara em 1932 o Instituto Católico de Estudos Superiores, em cuja abertura fez importante discurso a respeito do humanismo cristão e da missão da universidade, na linha de **The Idea of a University**, de Newman. No Instituto, lecionou Sociologia, Literatura brasileira e Ação Católica. Em 1932 e 1933 tentara o magistério universitário de Direito, mas sem êxito. Concorrera à cátedra de Economia Política e à cátedra de Introdução à Ciência do Direito, no Rio, com os livros **Economia Pré-Política** e **Introdução ao Direito Moderno**. Os nomeados foram Leônidas de Rezende e Hermes Lima. Em 1941, participou da fundação da Universidade Católica do Rio, a primeira do Brasil, com o cardeal Leme e o padre Leonel Franca. Fez o discurso de inauguração das Faculdades Católicas. E foi ali professor de Literatura Brasileira, de 1941 a 1963, quando se aposentou.

Em dezembro de 1949, foi à Europa, depois de 35 anos de ausência. Visitou Lisboa; Ponte do Lima, a terra de seus antepassados; Pau, nos Pirineus, onde está enterrada sua irmã Abigail; Paris, Roma. Falou na Sorbonne. Fez conferências em Toulouse, Montpellier, Saint

Maximin, Bordeaux. Foi recebido por Pio XII, que lhe dera em 1943 a comenda da Ordem de São Gregório Magno. Conversou longamente com monsenhor Montini, o futuro Paulo VI. Entreteve-se com Claudel, Mounier, Marcel e Papini. Ofereceu ao papa seu livro **Mensagem de Roma**, em que aparece a sua carta a Jorge Amado, recusando a frente única de católicos e comunistas contra o fascismo.

Em 1937, foi eleito membro correspondente da Academia Argentina de Letras. Em 1947, foi eleito membro correspondente da Academia Uruguaia de Letras. Em 1935, foi eleito para a cadeira número 40 da Academia Brasileira de Letras, fundada por Eduardo Prado, sob o patrocínio de Rio Branco, o visconde. Foram ocupantes Afonso Arinos e Miguel Couto. Alceu foi recebido por Fernando Magalhães, médico, grande orador, convertido do padre João Gualberto do Amaral.

De 1951 a 1953, foi diretor do Departamento de Cultura da União Pan-americana, em Washington. Recebeu o título de doutor "honoris causa" da Universidade Católica da América. E o prêmio Sierra. Participou no México da primeira reunião do Conselho Cultural Interamericano, como secretário executivo. Fez conferências nas Universidades de Fordham, Católica de Washington, Duke, Carolina do Norte, Tuscolosa, Louisiana, Texas, Nashville e Pensilvânia. Participou da IX Conferência Geral da Unesco, em Paris, 1952, como representante da Organização dos Estados Americanos. E foi ao Congresso da Paz Romana, no Canadá, e pronunciou conferência em Quebec. Em março de 1954, foi como delegado à X Conferência Pan-Americana, em Caracas, com Vicente Rao, Afonso Arinos, Marcondes Filho, Hermes Lima. E participou da conferência comemorativa do bicentenário da Universidade de Columbia, em Nova York, com Gilberto Freyre. Recebeu a medalha comemorativa.

Em 1956, recebeu o título de doutor "honoris causa" da Faculdade de Filosofia de Juiz de Fora. Em 1958, deu um curso de cultura brasileira na Universidade de Nova York. Em 1959, o Brasil inteiro celebrou o quadragésimo aniversário da sua estréia como crítico literário. Augusto Frederico Schmidt, exprimiu num artigo o sentimento geral, "Quarenta Anos de Fidelidade", a 17 de junho de 1959. A 29 de agosto de 1964 recebe, na Academia Brasileira de Letras, Gilberto Amado, naquela que foi a maior sessão da história da Academia. Um discurso político e literário. O seu maior momento público, Alceu recebera na Academia Viana Moog, em 1945, Afonso Pena Júnior, em 1948, Gilberto Amado, em 1964, e receberia José Américo de Almeida, em 1967, Senghor, em 1964, e Dom Marcos Barbosa, em 1980.

Em 1967, o papa Paulo VI o nomeia membro da Pontifícia Comissão de Justiça e Paz, da Santa Sé. Foi eleito em 1967 membro da Academia de Ciências Morais, do Instituto de França. Tomou posse a 28 de outubro de 1968, com um longo discurso em francês sobre a influência da cultura francesa no Brasil. Foi distinguido em 1969 com o prêmio Moors Cabot, láurea mais antiga do jornalismo internacional. Foi ele comendador da Legião de Honra, da França, da Ordem do Condor, do Chile, da Ordem de Santiago da Espada, de Portugal, da Ordem Nacional do Mérito.

Os anos finais de sua longa vida, passou-os entre Rio e Petrópolis, mais Petrópolis do que Rio. Refugiou-se em sua casa da Mosela, azul, como a casa da sua infância carioca. E o rio passava por sua porta, exatamente como o rio Carioca, e havia também uma ponte. Lá, faleceu a 22 de outubro de 1981 dona Maria Teresa de Faria Amoroso Lima, com quem viveu 63 anos. O golpe foi muito fundo. E Alceu começou a morrer precisamente nesse dia. Até os 80 anos, em dezembro de 1973, permanecera robusto, desempenado. As celebrações dos 80 anos o encontraram ainda muito bem. Houve missa na matriz da Glória, celebrada pelo cardeal Sales e por D. Hélder. Houve uma grande sessão na ABI, em que falaram Afonso Arinos, Mário Amadeo, D. Eduardo Koaik, frei Clarêncio Neotti, Sobral Pinto, Oto Lara Resende.

Dois grandes mestres o influenciaram: Maritain, como filósofo, e Thomas Merton, como espiritual. Traduziu de Maritain *Cristianismo e Democracia*, *Noite da Agonia em França*, cuja introdução do tradutor era maior do que o livro, *O Homem e o Estado*, *A Filosofia Moral*. Traduziu dois ensaios de Merton. Alceu representou no Brasil o *renouveau* católico de entre as duas guerras, com Bernanos, Claudel, Maritain, Mounier, Marcel, Charles Du Bos, Mauriac, Gilson, toda uma literatura impregnada de catolicismo.

Tristão de Athayde foi um líder social, como não tivemos outro na história espiritual do Brasil, maior do que Mário de Andrade ou Sílvio Romero. Teve uma visão globalizante que eles não tiveram. Foi um espírito trinitário. A sua vida girou em torno do desafio da liberdade. Traduzido amplamente para o espanhol e o francês, foi o maior líder intelectual da América em nosso tempo, maior do que Alfonso Reyes ou Octavio Paz. Ligou-se muito a Alfonso Reyes no Rio, em 1930. E até o levou a fazer uma conferência no Centro Dom Vital sobre Chesterton. Em 1952, foi visitá-lo no México. Um dos encontros mais belos da vida de Alceu foi o que ele teve em Nova York, em Greenwich Village, com E. E. Cummings, que ele foi visitar na sua casa modesta. Entendeu-se maravilhosamente com o grande poeta.

Liberdade, universalidade, paz. Eis o destino literário e humano de mestre Alceu Amoroso Lima. Jamais se envolveu em polêmicas pessoais. Jamais respondeu a ataques. Guardou sempre uma linha de moderação. Foi o homem da proporção, do equilíbrio, da harmonia. Sempre detestou os rompantes românticos, foi um espírito clássico. Crítico por excelência do modernismo, pensador católico, líder social, fez algumas conferências verdadeiramente notáveis: uma, sobre as diretrizes do pensamento brasileiro, em 1939, outra sobre a evolução espiritual de Nabuco, mais uma sobre a Igreja e a Democracia, em 1943. Publicou mais de 80 livros. E mais 4 mil artigos de jornal. Foi a mais longa e intensa atividade jornalística puramente cultural de toda a história da inteligência brasileira.

Sua divisa bem poderia ter sido aquela palavra de Beloc que ele tanto amava: **truth is proportion**. A verdade é proporção. Ele amou também dois versos. Um, de Keats: "A think of beauty is a joy forever". Outro, de Mallarmé: "Tel qu'en lui-même enfin l'éternité le change". Agora, enfim, a eternidade o transmutou nele próprio. Agora, esse trabalhador intelectual enfim repousa.

( De "Cultura", supl. de "O Estado de S. Paulo" 21-8-1983 ), transcr. em memória, a propósito de seu falecimento, ocorrido em 14 de agosto de 1983. )

\*